



Aulas em inglês ganham espaço na graduação da USP

Faculdades estimulam aulas em idioma estrangeiro para internacionalizar cursos e facilitar integração de intercambistas

Victor Vicira

Para alguns alunos da Universidade de São Paulo (USP), é possível ter aulas da graduação em inglês sem cruzar a fronteira. A fim de internacionalizar os cursos e facilitar a adaptação de intercambistas estrangeiros, faculdades têm estimulado a criação de disciplinas em outro idioma. A fraca presença do inglês – na graduação e até na pós – é um dos fatores que pesam contra universidades brasileiras nos rankings internacionais.

As faculdades da USP podem ofertar disciplinas optati-

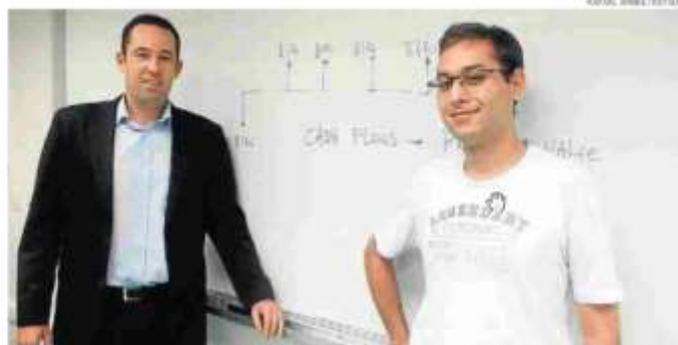
vas em inglês, constante que tenham aval da Pró-reitoria de Graduação. Matérias obrigatórias também podem ser dadas em outro idioma, desde que também haja oferta em português. O inglês como primeiro idioma é mais comum em seminários ou cursos de curta duração, geralmente na pós.

A Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) é uma das poucas escolas da USP na capital com disciplinas em inglês na graduação. Em 2014, o pacote de aulas em outro idioma na FEA foi reforçado com o Projeto Discovery, parceria com a Universidade de Illinois, nos Estados Unidos. Em 2014, quatro disciplinas optati-

vas em inglês já foram ofertadas, com docentes brasileiros.

"Era preciso melhorar a projeção internacional da faculdade", explica Fernando Murcia, docente da FEA e um dos coordenadores do Discovery. De acordo com ele, as disciplinas permitem aprimorar habilidades exigidas no mercado, como a capacidade de apresentar projetos em outro idioma.

Com experiências no Canadá e na Inglaterra, Fernando Trambacos, aluno do 3.º ano de Ciências Contábeis da FEA, não teve problemas com uma matéria em inglês, mas para os colegas a língua é uma barreira. "Na minha turma, algumas pessoas não dominam o inglês. Alguns



Exterior. Murcia, docente da FEA, e Trambacos, aluno de Contábeis, integram projeto

América Latina tem déficit de inglês nas faculdades

● Em universidades de países da Europa, como Suíça, Dinamarca e Holanda, é comum que toda a graduação seja ministrada em inglês. Coreia do Sul e China também investem na expansão desse cardápio de atividades no ensi-

no superior. "A América Latina ainda está muito atrás nesse aspecto", afirma Rogério Meneghini, diretor científico do programa SciELO de revistas científicas brasileiras. "Essas iniciativas (como as da USP) são válidas para a aprendizagem", afirma.

Meneghini reconhece avanços nas universidades nacionais. "Hoje os jovens têm muito mais contato com o inglês na graduação do que anos atrás", diz. /V.V.

gostariam de ter feito, mas não se sentiram seguros", diz.

Segundo Trambacos, o inglês é importante na busca por está-

gio ou vaga na pesquisa. "Se não falo inglês, não tenho acesso aos principais artigos e ao conhecimento de primeira linha,"

No interior. Há cinco anos, a FEA de Ribeirão Preto oferece três disciplinas em inglês na graduação. Segundo Luciana Morilas, coordenadora do projeto internacional da unidade da USP, o inglês é central para expandir os acordos de intercâmbio. "Algumas universidades estrangeiras cobram parte do conteúdo em inglês para fazermos convênios e enviarmos alunos", explica.

As aulas em inglês também facilitam a adaptação de intercambistas como o francês Alexis Babin, do curso de Administração. "Elas me ajudaram a entender a universidade e a economia local", diz.